

Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio

Maria Eunice Moreira
PUCRS



O começo de uma história literária é uma
linha desenhada sobre o curso de um rio.
David Perkins

Instituída pela crítica e pela historiografia literária como a primeira poetisa do Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, como autora da obra que inaugura a literatura escrita no Rio Grande do Sul, com *Poesias às senhoras rio-grandenses* (1834), Delfina Benigna da Cunha foi, no entanto, antecedida por outra poetisa rio-grandina a quem cabe o papel pioneiro na historiografia sulina. Maria Clemência da Silveira Sampaio e seus *Versos heróicos*, publicados em 1823, no Rio de Janeiro, antecederam em onze anos a obra da autora até então tida como iniciadora da atividade literária na Província sulina.

Maria Clemência da Silveira Sampaio nasceu no lugar denominado Estreito (RS), em 17 de dezembro de 1789.¹ O Estreito correspondia “à parte mais apertada da península”, situada a meia légua do porto, e identificava também “uma fortificação que se estendia da lagoa dos Patos até o saco da Mangueira, numa ‘exten-

¹ A data correta de nascimento de Maria Clemência consta da certidão de batismo, registrada no Livro de Batismos 2B, à página 116, da Diocese de Rio Grande, depositado na Mitra Diocesana do Rio Grande. Em *Uma voz ao Sul – os versos de Márcia Clemência da Silveira Sampaio*, publicado pela Editora Mulheres, de Santa Catarina, em 2003, encontra-se a transcrição desse documento. V. MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Uma voz ao Sul – os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio*. Florianópolis: Mulheres, 2003.

sa linha com quarenta e quatro peças de artilharia’.”² Nesse lugar, localizava-se “a sede da Comandância Militar com jurisdição ao sul do canal”,³ e o maior contingente populacional, composto por militares e civis, bem como encontravam-se aí os quartéis e os edifícios mais importantes: um hospital, um armazém, casas para os oficiais e moradias.

Nesse distante e inóspito vilarejo, viveu Maria Clemência, filha de Maurício Inácio da Silveira, um piloto de sesmarias natural da cidade do Rio Grande (RS), e que, em 1814, fora responsável pela execução do Mapa da Real Medição e Demarcação, procedido por Provisão Régia do Tribunal de Desembargo do Passo para limites da guarda e povoação do Serrito, na margem setentrional do rio Jaguarão.⁴ Em Porto Alegre, o jovem casou-se com Mariana Joaquina Sam Payo, natural da freguesia de Desterro, da ilha de Santa Catarina, filha de Manuel Marques de Sampaio e Clemência Maria de Jesus. Dessa união, o casal teve dois filhos: Maurício, que nasceu em Porto Alegre, em 22 de abril de 1785, e foi batizado nesse mesmo ano, em 2 de julho de 1789, e Maria Clemência. Com o falecimento do primogênito, e a sucessiva morte dos pais,⁵ a menina tornou-se a única descendente e herdeira da família. Foi também em Rio Grande que essa (quase) desconhecida poetisa morreu, em 2 de fevereiro de 1862,⁶ não tendo deixado herdeiros naturais, pois não casou e nem teve filhos.

O silêncio da historiografia literária sobre Maria Clemência pode ser atribuído ao fato de que pairavam dúvidas sobre sua naturalidade. A bibliografia do século dezenove é parca em informações sobre a autora e, em outros casos, apresenta dados hoje tidos como equivocados. Inocêncio Francisco da Silva, que introduziu a poetisa na história da literatura, nada informa sobre sua naturalidade, limitando-se a referenciar o opúsculo intitulado *Versos herói-*

² Informações detalhadas sobre a instalação do Presídio do Rio Grande e sua história subsequente encontra-se em: QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A vila do Rio Grande de São Pedro, 1737-1822*. Rio Grande: Furg, 1987. p. 50.

³ Idem, p. 65.

⁴ Essa informação sobre Maurício Inácio da Silveira encontra-se na *Bibliografia sul-riograndense*, de Abeillard Barreto, mas não é confirmada por Aurélio Porto, que estudou a história dos açorianos, no Brasil. BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-riograndense* [sic]. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976. v. 2, p. 1284.

⁵ Maurício Inácio da Silveira faleceu em 7 de dezembro de 1828. V. NEVES, Décio Vignoli das. Maria Clemência da Silveira Sampaio. In: _____. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: 1987, p. 156.

⁶ A data de falecimento de Maria Clemência encontra-se registrada no seu inventário, procedido pelo inventariante Francisco José da Cunha, conforme Autos n. 122, do 2º Cartório do Cível de Rio Grande, atualmente depositado no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, Estante 19, Maço 4.

cos, lançado no Rio de Janeiro, em 1823. Sacramento Blake, quando publicou o *Dicionário bibliográfico português*, ao final do mesmo século, equivocou-se quanto à paternidade de Maria Clemência e quanto ao local de seu nascimento, ao dizer que ela nasceu na Bahia, ampliando, desse modo, as dúvidas sobre a naturalidade dessa autora.⁷

Os estudos sobre a nascente literatura do Rio Grande, publicados no século XIX, também silenciam sobre a poetisa, desconhecendo, portanto, os versos que ela já publicara. No século XX, quando João Pinto da Silva escreveu sua *História literária do Rio Grande do Sul* (1824), primeiro estudo organizado sobre autores e obras rio-grandenses, não alude à poetisa dos *Versos heróicos*. Em anos posteriores, quando lançou volume mais alentado do que o de seu predecessor, a *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1856), Guilhermino César tampouco mencionou a poetisa e seus versos pioneiros.⁸

Anos mais tarde, em 1873, Lothar Hessel ocupou-se da escritora gaúcha, a partir de informações fornecidas por Heloísa Assumpção Nascimento, que reconstruiu a árvore genealógica da família Silveira. Através desses dados, Hessel confirmou a ascendência e naturalidade de Maria Clemência. A palavra definitiva sobre sua naturalidade apareceu, porém, quando o historiador Moacyr Domingues localizou os registros de batismo da cidade do Rio Grande, e nele encontrou o assentamento da rio-grandina Maria Clemência da Silveira Sampaio.

Uma consulta aos registros de batismo do século XVIII, na Mitra Diocesana do Rio Grande, possibilitou a leitura e a transcrição da certidão de batismo de Maria Clamência. O documento está lavrado nos seguintes termos:

Aos vinte e oito dias do mês de dezembro do ano de mil setecentos e oitenta e nove nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Estreito eu o vigário encomendado da mesma Francisco Inácio da Silveira batizei e pus os Santos Óleos a Maria filha legítima de Maurício Inácio da Silveira natural e batizado na Matriz de São Pedro do

⁷ Sacramento Blake registra o seguinte: *D. Maria Clemência da Silveira Sampaio. – Natural da Bahia, vicia pela época de nossa independência: é só o que sei a seu respeito. É talvez filha do marechal de campo Antônio Manoel da Silveira Sampaio, já mencionado no 1º tomo deste livro.* BLAKE, Augusto Victorino Sacramento. *Dicionário bibliográfico português*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1930. v. 6. p. 229.

⁸ Somente em 1968, ao publicar o *Resumo da história literária do Brasil*, tradução do ensaio de Ferdinand Denis, Guilhermino César depara-se com o nome de Maria Clemência, ao lado de outras mulheres do Rio Grande, autoras de versos, citadas pelo historiador francês. V. MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Uma voz ao Sul – os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio*. Florianópolis: Mulheres, 2003. p. 35-36.

Rio Grande e de Mariana Joaquina de Sam Payo natural e batizada na Matriz de Santo Antônio dos Anjos da vila da Laguna, neta por parte paterna de Mateus Inácio da Silveira e de Maria Antônia da Silveira, naturais da Ilha do Faial e pela materna do cirurgião mor Manoel Marques de Sam Payo, natural do Alentejo, e de Clemência Maria de Jesus, natural e batizada na Matriz de Nossa Senhora do Desterro da Ilha de Santa Catarina nasceu aos dezessete dias do dito mês. Foram padrinhos o dito cirurgião mor Manoel Marques de Sam Payo por procuração que apresentou o Capitão mor Mateus Inácio da Silveira e eu o sobredito vigário. Per verdade fiz este assento. Vigário Francisco Inácio da Silveira

O reconhecimento oficial da autora de *Versos heróicos* foi assinalado quando a Academia Rio-Grandina de Letras, da cidade do Rio Grande (RS), fundada em 14 de março de 1981, a escolheu como patrona para a cadeira de número trinta e dois, consagrando, assim, a sua naturalidade.

2 Os poemas

Versos heróicos, a primeira obra de Maria Clemência, foi publicada em 1823, como um opúsculo de apenas oito páginas, *que, pelo motivo da gloriosa aclamação do Primeiro Imperador Constitucional do Brasil, compôs e recitou Maria Clemência da Silveira Sampaio, no baile público, que o comércio do Rio Grande deu na noite do dia da mesma Aclamação.*

Em 12 de outubro de 1822, D. Pedro foi aclamado imperador constitucional do Brasil⁹, e, na vila de São Pedro do Rio Grande,¹⁰ na mais extrema Província brasileira, realizou-se uma festividade de aclamação do primeiro soberano brasileiro. A festa é promovida pela classe comerciante do Rio Grande, constituída principalmente por portugueses vindos dos Açores. Entre o grupo feminino, destaca-se uma mulher de trinta e três anos, oriunda de uma família de origem lusitana, que declama uma composição poética de sua autoria, na qual expressa o apoio e o reconhecimento do povo rio-

⁹ Segundo Moacyr Flores, D. Pedro foi aclamado duas vezes: a primeira, em 15 de setembro de 1822, no teatro São João, no Rio de Janeiro, e a segunda, em 12 de outubro de 1822, num ato realizado no Paço da cidade do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, D. Pedro e D. Leopoldina foram aclamados imperadores constitucionais do Brasil. V. FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p. 15.

¹⁰ Segundo Maria Luiza Bertuline Queiroz, foram empregadas concomitantemente as denominações: Estabelecimento do Rio Grande de São Pedro, Vila do Rio de São Pedro, Vila de São Pedro, Rio Grande e Vila de São Pedro do Rio Grande. V. QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A vila do Rio Grande de São Pedro, 1737-1822*. Rio Grande: Furg, 1987. p. 49.

grandense ao jovem monarca. O texto, apresentado sob o título de *Versos heróicos*, receberá o beneplácito do Império e será publicado no ano seguinte pela Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro. O fato tem características especiais: os versos não só registram a contribuição pioneira de um autor do Continente do Rio Grande para a literatura pátria, como são de autoria de uma mulher jovem e culta. Maria Clemência da Silveira Sampaio, a autora do singelo poema dedicado ao Imperador, não poderia supor que os versos declamados nessa ocasião ocupariam um lugar pioneiro na história da literatura de sua Província.

O objeto do poema é a exaltação da nova casa imperial brasileira, formada pelo casal de soberanos, Pedro e Carolina, que, destinados por *um Deus, benfazejo, sábio e justo*, aparecem como afiançadores da *nossa paz, nossa dita, e segurança*, no momento em que o Brasil ingressa no conjunto das nações civilizadas. O sentimento de amor à pátria, de dedicação e apoio ao novo par real, de valorização da terra e das coisas brasileiras garante unidade ao poema, mas não impede, todavia, que se observem cinco tempos na construção poética: o primeiro reúne os vinte versos iniciais; o segundo agrupa-se em torno dos quarenta versos seguintes; o terceiro forma-se pelos subseqüentes trinta e cinco versos; o quarto compõe-se dos vinte e cinco versos finais e o quinto engloba os quinze versos finais.

Os versos iniciais centram-se na saudação ao dia em que o Brasil saiu de seu abatimento para se inscrever num círculo mais amplo e foi beneficiado pela Providência divina com os novos imperadores, que levarão o país a uma ascensão gloriosa. O tom de júbilo desse primeiro tempo somente é perturbado pela lembrança da volta do “Rei justo, e prudente” a Portugal, deixando seus súditos “em mísera orfandade, / Em pranto, em dor, em mares de saudades, enfim, aniquilados, / Sem nome, sem prazer, e sem ventura”, numa alusão à falta do poder imperial, representado por D. João VI e seu retorno à Europa, após a declaração da Independência.

Os quarenta versos seguintes extravasam o amor patriótico da poetisa, enaltecem o casal imperial e enfatizam a figura do Imperador, como pai defensor e protetor, e da Imperatriz, como mãe consoladora da nação brasileira. Ao Imperador, compete, pois, dar energia ao Império “por sábias justas leis, que perduráveis / mostrem ao mundo inteiro, quanto vale o caráter brasileiro”; à Imperatriz, mulher adornada de virtudes, cabe a função materna e, a ambos, dirigir o Brasil com ardor e entusiasmo, para manter a liberdade conquistada. Nesse segmento, a poetisa engrandece as quali-

dades de Pedro e Carolina, desejando que, com sua união, aterrem as intrigas e o despotismo, para cimentar o grande império nascente, em que sobressaiam as ciências, o comércio, a agricultura e as belas artes, “que fazem prosperar impérios grandes”.

Nos versos seguintes, Maria Clemência assume uma perspectiva nitidamente rio-grandense e, como porta-voz da mulher sulina, dirige-se à Imperatriz, para firmar o lugar de destaque que as “continentistas” ocupam em relação às paulistas, baianas e fluminenses. Aqui, a poetisa realça a fidelidade e o amor das mulheres do Sul para com o trono brasileiro, manifestando, através de sua voz, o tributo feminino de afeto, admiração e respeito à representante do Império. Ao se expressar em nome das mulheres de sua terra, a poetisa não teme afirmar que são elas “as mais fiéis / as mais amantes”, e que manifestam a sua sinceridade, admiração e amor, através de suas “toscas expressões”, conforme escreve. Nesse ponto, solicita à Imperatriz que seja portadora, junto a seu esposo, dos sentimentos dos rio-grandenses e pede que ela mostre “quanto / Cá deste continente os habitantes / Se penetram de júbilo, e de alvoroço, / Vendo seus imperantes desejados / Reger em paz o império brasileiro”. Fica evidente, nessa parte, que a autora dos versos fala por toda a sociedade local, acentuando não só a identificação com seu povo, mas possibilitando que os versos sejam representativos do sentimento particular que a Província sulina manifesta aos novos imperadores do Brasil.

Nos subseqüentes vinte e cinco versos, a autora esclarece o espaço de onde fala, ao dizer à Imperatriz que são esses “sentimentos, / Que vos tributa uma Província inteira, / A quem o Rio Grande dá seu nome”. A partir desse momento, manifesta sua visão lúcida e crítica sobre as condições do território rio-grandense, reclamando providências objetivas por parte do governo imperial. Assim, ao mesmo tempo em que apresenta as qualidades do solo gaúcho, apontando as potencialidades econômicas da região, anota também a precariedade da situação regional, que impossibilita o maior desenvolvimento do território meridional:

se o Rio Grande [...] é fértil em terreno, doce em clima, / Abundante de matas, rios, montes, / De searas, e vinhas, e de gados, essas riquezas naturais precisam de fomento, e de cuidado;

se os densos bosques / Oferecem vegetais mui proveitosos, precisam De conhecidos ser, de ser provados;

se as montanhas diversos minerais, / Abundância de gemas, e metais, [...] para ter uso querem ser buscados; [...]

Nesse momento da sua construção poética, *Versos heróicos* afasta de suas linhas o tom laudatório até então predominante, para se transformar num libelo das reivindicações da Província aos novos dirigentes da nação. Se o Rio Grande é potencialmente rico, é necessário que “Os grandes rios, que o País dividem, / Por quem gira o comércio, a abundância”, sejam providos “de pontes, e de barcas”, para que se tornem transitáveis e viáveis para seu aproveitamento. Por isso, a autora reclama à Pátria, que tanto ama, “Eficaz proteção, esplendor tanto!”

Finalmente, no segmento que encerra o poema, a poetisa volta ao tom encomiástico com que redige seus versos, para declarar, mais uma vez, sua admiração pelo novo Império, pela figura dos imperadores e manifestar seu desejo de que os novos governantes criem “um Império sem segundo”, fazendo do Novo Mundo um mundo novo.

Versos heróicos, no entanto, não constitui a única incursão poética de Maria Clemência. A esse poema inicial, juntam-se, até esse momento, mais três criações, que recentemente vieram a público, através de pesquisas realizadas em periódicos da cidade do Rio Grande.

O primeiro desses textos intitula-se “Elogio”¹¹ e foi recitado no Teatro 7 de Setembro, da cidade do Rio Grande, na noite de 15 de outubro de 1845, pelo Sr. Manuel José da Silva Bastos. Publicado posteriormente em *A Voz da Verdade – Folha Política e Comercial*, no dia 24 de outubro de 1845, o poema de oitenta e dois versos assume novamente o caráter político já visível em *Versos heróicos*. O tema motivador do poema é o fim da Revolução Farroupilha, comemorada com júbilo pelos rio-grandenses, segundo a autora, nos versos de abertura do poema:

Exultai de prazer, rio-grandenses,
Exulta ó Pátria minha, já liberta
Da nuvem de terror e de tristeza,
Que o horizonte tanto enlutara;
Astro luzente se esclarece agora,
Nossa vida te dá, qual sol brilhante,
Depois de uma medonha tempestade
As trevas afugenta, dando ao mundo
E aos tristes mortais doce sossego.¹²

¹¹ Esse poema foi localizado e transcrito do original pela Professora Eliane Campello, da FURG. O original encontra-se em *A Voz da Verdade*, Rio Grande, n. 2, p. 1-2, 24 out. 1845.

¹² SAMPAIO, Maria Clemência da Silveira. Elogio. *A Voz da Verdade – Folha Política e Comercial*, Rio Grande, 24 out. 1845. p. 1-2.

O final do poema acentua o tom político da autora, quando essa atribui ao Conde de Caxias a pacificação da Província, razão pela qual merece os “Elogios” da população reconhecida:

O Brasil te abençoe sempre grato;
E nunca a teus serviços seja ingrato;
Gravado lá no Templo da Memória
Será teu nome pela mão da glória;
E correndo os confins do mundo inteiro
Todos te chamarão bom brasileiro.

Dois anos depois, no dia 17 de julho de 1847, aparece no jornal *O Rio-Grandense*, de Rio Grande, os versos intitulados “Saudosa expressão da Pátria”,¹³ escritos por ocasião da morte de D. Afonso Pedro, herdeiro da Casa Imperial brasileira. Ao longo dos cento e dois versos, Maria Clemência afirma sua fidelidade ao trono brasileiro, lamentando a morte prematura do Príncipe Afonso, filho de D. Pedro II, que ocorrera em 18 de junho de 1847, no Rio de Janeiro, aos dois anos de idade. O texto, que se centra em torno da dor da família real, compartilhada por todos os brasileiros, ressalta o caráter religioso da autora, que aceita a morte como a realização da vontade divina, e procura consolar os pais pela perda do herdeiro, que devem entendê-la como uma felicidade e não castigo. Diz a poetisa: “virá tempo, / Em que rendais graça, pelo mesmo / Que hoje recebeis como castigo!” Os versos culminam com a afirmação da fidelidade dos rio-grandenses, que se irmanam à dor dos monarcas, e “lamentam, sentem, Vossa justa dor, / Pois vos tributam mui fiel amor”.

Redigidos vinte e cinco anos após a declamação de *Versos heróicos*, “Saudosa expressão da Pátria” mantém algumas das características presentes no texto de 1823, quer no que diz respeito a sua estrutura, quer no que se refere ao tom encomiástico em relação à família imperial.

O quarto poema de autoria de Maria Clemência intitula-se “Um sítio de Porto Alegre” e, embora tenha sido escrito em 25 outubro de 1853, como anota a autora, ao final do texto, somente vem a público em 19 de julho de 1857, através das páginas de *O Guaíba*¹⁴. Em pelo menos três pontos esse poema difere das construções

¹³ O poema encontra-se transcrito na íntegra em: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Uma voz ao Sul – os versos de Márcia Clemência da Silveira Sampaio*. Florianópolis: Mulheres, 2003. p. 77-82.

¹⁴ *O Guaíba – Periódico Semanal, Literário e Recreativo*, foi o primeiro empreendimento jornalístico essencialmente dedicado à letras, no Rio Grande e imprimia-se na Tipografia Brasileira-Alemã, situada à rua Nova, n. 48, em Porto Alegre. O periódico circulou de 3 de agosto de 1856 a 26 de dezembro de 1858, com apenas uma inter-

poéticas anteriores: a autora abandona o teor político e o elogio à Casa Imperial ou a figuras representativas do Império, até então presente nos versos já publicados; o tema do poema enfoca as particularidades da paisagem local, sua vegetação, especialmente as árvores frutíferas e as flores que compõem o cenário rio-grandense; o veículo de publicação – *O Guaiúba* – é um empreendimento dedicado à letras rio-grandenses, com circulação na Capital da Província. Com essa publicação, Maria Clemência coloca-se ao lado dos nomes mais representativos da literatura sulina e, que em 1868, formarão a Sociedade Partenon Literário, entidade que responsável pela organização da vida literária rio-grandense.

“Um sítio de Porto Alegre” compõe-se de trinta quartetos, totalizando, portanto, cento e vinte versos e traz uma dedicatória: A uma companheira de moradia. O poema realiza uma espécie de inventário da paisagem local, apresentando-a de forma simples e sem o tom apologético dos poemas anteriores. A simplicidade do texto é reforçada pelo esquema das rimas – ABAB e em outros quartetos ABBA – o que, ao lado do vocabulário proveniente da própria experiência do leitor (árvores, frutas, flores, pássaros), colabora para a leitura e a familiaridade com o tema.

Os primeiros versos já indicam que a natureza constitui o fulcro da realização poética, o lugar por onde passeiam os olhos de Marília, desde a primeira estrofe:

Mal desponta a roxa aurora
Trazendo as luzes do dia,
Marília madrugadora
Tão linda vista aplaudia:

A partir desse momento e nos versos subseqüentes, transitam pelo poema nomes de árvores (pessegueiro, coqueiro, álamos, salso, goiabeira, pereira, laranjeira, pitangueira, macieira, ameixeira, cipreste, amoreira, figueira, marmeleiro); flores (açucenas, rosas, cravos, rosas-maçã, violetas, melindres, artemísias, alfazemas, hortênsias, cravinas, girassóis, solitárias, boas-noites, maricás, jasmims); pássaros (sabiás e beija-flores); frutos (butiás, araçás, ananás, maracujás, uvas), revelando que o olhar extasiado pela con-

rupção, no mês de abril de 1858, totalizando cento e vinte números, sendo seu principal editor o alemão Carlos Jansen, responsável por essa função em todo o período de circulação do jornal. Para informações sobre esse periódico, consultar a tese de Doutorado de Mauro Nicola Povoas, intitulada “Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX”, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em 2005.

templação tenta abranger tudo para transformá-lo em matéria poética.

Nesse espaço natural, Marília sente-se em estado de oração e agradece a Deus o local em que habita, verdadeiro paraíso terrestre, como se lê nos versos que concluem o poema:

Marília vai contemplando
As obras da natureza,
E de sua alta grandeza
A Deus grata vai adorando.

Ajunta as flores cuidosa
Solta a madeixa ondulante,
Vai levando-as triunfante
No regaço pressurosa.

No oratório as coloca
Com místicas emoções
E as virginais orações
Rebentam da pulcra boca.

Se essas são as composições poéticas de Maria Clemência da Silveira Sampaio, até hoje localizadas e disponibilizadas aos leitores, certamente a continuidade da pesquisa sugere que novos achados poderão vir a completar o legado literário dessa poetisa (quase) desconhecida. Afinal, Maria Clemência era uma mulher culta e atenta às questões de sua época. Dois episódios podem esclarecer essa afirmativa: em 1820, quando esteve no Rio Grande, Auguste de Sainte-Hilaire visitou o Estreito e conheceu, na casa do pároco Francisco Inácio da Silveira, uma moça instruída, afilhada do religioso, que mereceu destaque entre as demais mulheres, como ele registra em seu diário, datado de 27 de agosto de 1820:

Entre elas, a sobrinha, d. Maria Clemência, um verdadeiro fenômeno, pois conseguiu aprender francês, sem nenhum mestre, falando regularmente esse idioma; lê bastante; possui alguma instrução e conversa muito bem.¹⁵

Talvez Saint-Hilaire ficasse mais surpreso se tivesse tido acesso ao inventário de Maria Clemência. Entre os bens de raiz, os objetos de prata e de ouro, as dívidas pessoais e os bens móveis, constavam, entre esses últimos, na “Relação dos bens e dívidas constantes do inventário de Maria Clemência da Silveira”, “10 li-

¹⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Erus, 1987. p. 71.

vros de devoções; 50 cinqüenta [livros] ditos antigos, em péssimo estado”.¹⁶

Em uma Província distante dos centros culturais, pouco afeita à vida intelectual, em que as guerras e as contendas importavam mais do que as Letras, e na qual a educação feminina estava relegada ao aprendizado de alguns pontos de bordado e à memorização de singelos textos religiosos, o legado literário de Maria Clemência da Silveira Sampaio importa menos pela posição de precedência que ocupa na historiografia literária do Rio Grande, mas torna-se mais instigante pelo que revela (e pode revelar) sobre as condições de produção cultural num território em que até bem pouco tempo a voz masculina tinha um lugar de maior destaque.

David Perkins diz que o começo de uma história literária é uma linha desenhada sobre o curso de um rio. A metáfora do historiador literário é significativa, pois pode levar a entender que como as águas do rio, que estão sempre em movimento – e nunca são as mesmas – a historiografia também flui e se renova, permitindo a inclusão de outras vozes, até então (quase) desconhecidas.

ANEXO

Transcrição integral do poema “Um sítio de Porto Alegre – A uma companheira de moradia”:¹⁷

Mal desponta a roxa aurora
Trazendo as luzes do dia,
Marília madrugadora
Tão linda vista aplaudia:

Do autor da natureza
Admirando os primores,
Nas borboletas, nas flores
Nota a mais rica beleza.

Na vegetal produção
Tantas graças ela admira,
Que gratidão só lh’inspira
Tão terna meditação.

¹⁶ Relação dos bens e dívidas constantes do inventário de Maria Clemência da Silveira. MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Uma voz ao Sul* – os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. Florianópolis: Mulheres, 2003. p. 107-108.

¹⁷ Este poema foi localizado e transcrito pelo Professor Mauro Nicola Póvoas, da FURG. O original encontra-se em: *O Guaíba*, Porto Alegre, n. 29, p. 228-229, 19 jul. 1857.

Repara no pessegueiro
De rósea flor abundante
E um pouco mais adiante
O empalmado coqueiro.

Nos álamos majestosos
Elevando a rama aos céus,
Como que buscam a Deus,
Que assim os criou formosos.

O verde salso frondoso
Sombra e fresco lhe vem dar
E nele escuta cantar
O sabiá mavioso.

Lá junto dele a recreia
Encrespada a goiabeira
E a produtiva pereira
Branda com ela se enleia.

O cheiro lhe alenta a vida
Das flores da laranjeira,
Assim como a pitangueira
Mimosa e toda florida.

Ali a vai deleitar
Seu aroma delicado
E seu grelinho arroxado
A torna mais singular.

Seus frutos que representam
Os rubins, ou ametistas,
Se agradam às suas vistas
O paladar lhe contentam.

Pois os lindos butiás
Com seus cachinhos dourados
E os arbustos engraçados
Dos gostosos araças.

E tanto pés de ananás
Com seus olhos encarnados
E os bosquezinhos fechados
Dos roxos maracujás.

As virentes macieiras
Com galantes, doces frutos
Vêm pagar-lhes seus tributos
Com a bela ameixeira.

Os ciprestes levantados
As folhudas amoreiras,
As recortadas figueiras,
Com frutos adocicados.

E também os marmeleiros
Entre as ruas de alecrim
Dão a ela e mais a mim
Seus lindos frutos primeiros.

E as cândidas açucenas
Com as rosas de mistura
Em aroma e formosura
Embelezam esta cena.

Os cravos tão matizados,
A rosa-maçã garbosa,
A violeta olorosa,
E os melindres delicados.

Artemísia aveludadas
E de cores diferentes,
Alfazema com sementes,
Flor em hásteas azuladas.

De uvas mil grossas latadas
E lindos manjericões
Co'esses formosos pendões
Das angélicas-dobradas.

Os bogaris perfumosos
De vênus – mimo esclarate,
Que tem a cor do tomate
E os não-me-deixes-vistosos.

As acácias tão mimosas
Florescem na primavera
Unidas à flor da pêra
E mais ao botão das rosas.

Os beijos e as verdes malvas
Macias como o veludo
Nos ramos ligam-se a tudo,
Bem como as cheirosas salvas.

As mosquetas pudibundas
Com seus olentes botões,
Cravinas e girassóis
E as papoulas rubicundas.

As hortências duradouras
As humildes solitárias,
Boas-noites na cor várias,
E engraçadas citrodoras.

A sutil espirradeira,
A flor do maracujá,
A esponja do maracá,
Que é bonita e muito cheira.

Em tão formosos jardins,
De castas, graciosas flores,
Acodem os beija-flores,
Em procura dos jasmíns.

Vêm contentes se abrigar
Entre seus verdes raminhos
Os alegres passarinhos
Para seu ninho formar.

Marília vai contemplando
As obras da natureza,
E de sua alta grandeza
A Deus vai grata adorando.

Ajunta as flores cuidosa
Solta a madeixa ondulante,
Vai levando-as triunfante
No regaço pressurosa.

No oratório as coloca
Com místicas emoções
E as virginais orações
Rebentam da pulcra boca.

Maria Clemência da Silveira Sampaio
25 de outubro de 1853.